

DIMAS, Samuel – *A metafísica da Saudade em Leonardo Coimbra: Estudo sobre a presença do mistério e a redenção integral*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013. 504 p. Investigação.

Esta é a segunda grande obra que o autor dedica a Leonardo, sendo a primeira a *Metafísica da Experiência em Leonardo Coimbra*. Dedicando-se agora ao tema específico da saudade, oferece-nos mais uma abordagem genuína do pensador português, aprofundando esta temática como anteriormente ainda não fora feito, embora inspirando-se ou dialogando criticamente com outros comentadores e hermeneutas de Leonardo e *filósofos da saudade*, como é o caso de Afonso Botelho, António Braz Teixeira, Andrés Torres Queiruga, Paulo Borges, Manuel Cândido Pimentel e Ruiz de la Peña.

A obra, prefaciada por Maria Celeste Natário e Maria de Lurdes Sirgado Ganho, divide-se em duas grandes secções: Parte I – A experiência metafísica da Saudade e a visão gnóstica da origem; Parte II – A experiência metafísico-religiosa do Mistério e a redenção integral.

A primeira parte divide-se em três capítulos: A Alegria matinal da eterna criação; A Dor da queda temporal; A Graça da ação redentora.

A segunda parte igualmente em três capítulos: A experiência-síntese do diálogo entre a fé e a razão no análogo discurso teológico-filosófico do criacionismo; A plenitude cósmica da relação entre a liberdade finita dos seres e a liberdade divina da Graça; A imortalidade integral da pessoa.

Os subtítulos dos capítulos, por si só, transmitem-nos o percurso hermenêutico do autor, que em magistral, densa e muito analítica *curva interpretativa*, parte da *representação analógica da primeira criação, antes de haver tempo e história*, culminando no regresso à verdadeira Unidade da convivência social da Origem de Deus vivo consumando-se na *espiritualização dos corpos ressuscitados*.

Entre estes *alpha* e *omega* desenha-se todo um processo cósmico-ontológico definido pelo *criacionismo leonardino*, onde a *saudade*, enquanto *puro sentir, intencionalidade do sentimento*, ocupa o lugar e a função de autêntico *dinamismo metafísico*, o único capaz de conduzir o homem a transpor este percurso, desde a percepção das origens ao reencontro escatológico e unitivo com o *Supremo Ser*.

Seguindo de perto as palavras e o pensamento do autor, Leonardo trata a saudade como uma *via de libertação*. Assim, segundo ele, na saudade criacionista, Leonardo Coimbra afirma a contínua e eterna presença criadora da Graça de Deus no desenvolvimento dinâmico do Universo.

No entanto, a interpretação que o autor faz do pensamento leonardino estabelece um subtil diálogo e contraponto entre uma visão *gnóstica* e uma visão *cristã criacionista* da origem e a evolução do Cosmos bem patente no capítulo subtintulado: *a noção de contínua criação dos seres na intemporalidade do Amor de Deus e a noção de queda separatista dos mundos no tempo em que as consciências vivem em saudoso exílio do convívio fraterno do Paraíso Original*.

Assim sendo, a *saudade* é também presença privada do real sentir dos homens do seu sentido pleno, que só a escatológica espiritualização ou glorificação do Universo poderá restaurar com o regresso à condição da comunhão paradisíaca efetivamente

perdida, que, em vez de significar a vacuidade do fundo sem fundo insubstancial, significa o Mistério da Relação pessoal.

Embora seja dinamismo de reunificação ontocosmológica, não se poderá negar a matriz antropológica da *saudade*. Só assim se compreende que o homem, apesar de alienado da presença de Deus em consequência da sua revolta contra a união amorosa primordial, caminhe em exílio no silêncio e solidão da matéria rebelde, e conserve em si, qual *marca ontológica*, a *Saudade do Éden*.

É a *saudade* que preserva na sua consciência e na ordem do Universo a luz originária. Assim, a mesma voz que provocou a expulsão do paraíso nos dispersos mundos físicos é a fonte murmurosa que proporcionará o resgate integral dos exilados com a glorificação da sua existencial realidade corpórea (p. 158).

Deste modo, o percurso saudosista de Leonardo Coimbra apresenta-se distinto do messianismo de Teixeira de Pascoaes ou de Sampaio Bruno, na medida em que, recusando as fórmulas míticas, imanentes e panteístas da gnose neoplatónica, insere-se na gnosiologia, cosmologia e escatologia de matriz judaico-cristã, fundamentando a sua metafísica da saudade em núcleos da realidade como *Amor, Deus, Irracional, Liberdade, Mistério, Alegria-Criação, Dor-Queda, Graça-Redenção*, e nas noções estruturantes de *alma, analogia, relação, presença e memória* (p. 129).

Ainda explorando a dimensão e as implicações metafísicas do pensamento de Leonardo, Samuel Dimas define o núcleo e o zénite dos processos gnosiológicos do filósofo português como *razão mistérica*.

Segundo ele, a *razão mistérica* tem como seu prelúdio e momento introdutivo uma *visão mistérica*. Isto porque, segundo ele, a origem do interrogar humano e do sentimento da atividade cognoscente, mesmo na mediação psicológica do espanto e admiração existencial, reside no radical plano ontológico, não do abstrato Enigma de ideais considerações herméticas conducente ao absoluto puro ou ausente, mas sim do Mistério da Origem, revelado como Mistério pessoal da Trindade.

Nesta perspetiva metafísica, de inspiração inequivocamente cristã, o mistério trinitário das pessoas divinas e da criada relação social e espiritual das pessoas humanas, umas com as outras e com o Espírito de Deus, representa o rosto da dádiva do ser e a concreta e viva verdade total da sua Graça: Deus não é o absoluto da abstração filosófica, mas a Vida que se torna presente na Graça sacramental, nomeadamente na Eucaristia, com o fim da universal vitalização da matéria do cosmos e do homem (p. 255).

São pois estes os parâmetros metafísicos que enquadram a saudade que não pode pois ser já entendida como puro sentimento, mas como autêntica porta para o infinito e para o Ser Absoluto que é Deus.

Esta obra amplia assim o âmbito da obra anterior de Samuel Dimas que abordava a metafísica da Experiência. É esta visão global da filosofia leonardina, implicando desde a mais elementar experiência sensível até às intuições metafísicas centradas na experiência da *saudade*, que o autor nos transmite de modo livre e dialético, mas também sistemático.

Segundo ele, existe um discurso teológico-filosófico em Leonardo que se fundamenta no reconhecimento de que a consciência pessoal encerra uma unidade plural de distintas experiências da realidade, que não se limitam à certeza e objetivação da experimentação sensível.

Ultrapassando o jogo lógico do conceptualismo das concepções formais, essas experiências, que constituem o sentido da experiência humana, integram a experiência

religiosa no questionamento acerca do Absoluto, concebendo-o como um Tu pessoal e transcendente que, através de Cristo e da Graça, revela o plano salvífico da humanidade.

É assim, que, em modo de conclusão, o autor afirma que a filosofia em Leonardo Coimbra, enquanto amor da verdade essencial, é metafísica que, antes de ser uma Crítica e uma Teologia Filosófica, se afirma como uma Ontologia do espírito, considerando que o cristianismo é um fator de enriquecimento desta metafísica com a noção de *Pessoa divina*, superando um vazio deixado pelos idealismos de origem grega (p. 204).

Na continuidade desse helenismo se integra o pensamento de matriz gnóstica, como é o caso de Sampaio Bruno, ou de inspiração simultaneamente mística, panteísta e evolucionista como em Guerra Junqueiro e Teixeira de Pascoaes.

Algo que de modo algum é exterior ao pensamento de Leonardo Coimbra, mas que na sua curva evolutiva se foi inpletindo em direção a uma *ontologia do espírito* criacionista e cristã.

Samuel Dimas não se exime de explorar o pensamento de Leonardo, que precisamente oscila ou evolui de um idealismo eventualmente com algumas influências gnósticas para uma ontologia integral de matriz criacionista e cristã.

Este tema tão central quanto fraturante do pensamento português de transição do século XIX para o século XX é tratado com a frontalidade de quem não evita tomar posição própria, mas também de quem o faz no âmbito de uma discussão ideográfica plural, aberta à diferença e com elevação na discussão dialética.

Por isto, bem como pelo inquestionável rigor especulativo, é já uma obra incontornável no rico acervo crítico e hermenêutico sobre o filósofo português.

José Acácio Castro